

AU14 123

SEMINÁRIOS 2 e 3

*DEPOIMENTO DE UMA GERAÇÃO

158 - 163	Max Bill	} Sem. 2
163 - 166	Bruno Zevi	
166 - 169	Eneide N. Rogers	} Sem. 3
184 - 188	Osar Niemeyer	
238 - 240	Osar Niemeyer	



organizado por
Alberto Xavier

**DEPOIMENTO
DE UMA
GERAÇÃO**
arquitetura
moderna
brasileira

COOPERATIVA

981

Depoimento

As obras de Brasília marcam, juntamente com o projeto para o Museu de Caracas, uma nova etapa no meu trabalho profissional. Etapa que se caracteriza por uma procura constante de concisão e pureza, e de maior atenção para com os problemas fundamentais da arquitetura.

Essa etapa, que representa uma mudança no meu modo de projetar e, principalmente, de desenvolver os projetos, não surgiu sem meditação. Não surgiu como fórmula diferente, solicitada por novos problemas. Decorreu de um processo honesto e frio de revisão do meu trabalho de arquiteto.

Realmente, depois que voltei da Europa, após haver — atento aos assuntos do ofício — viajado de Lisboa a Moscou, muito mudou a minha atitude profissional.

Até aquela época, costumava considerar a arquitetura brasileira — apesar de suas qualidades inegáveis — com certas reservas. Acreditava, como ainda acredito, que sem uma justa distribuição da riqueza — capaz de atingir a todos os setores da população — o objetivo básico da arquitetura, ou seja, o seu lastro social, estaria sacrificado, e a nossa atuação de arquitetos relegada apenas a atender aos caprichos das classes abastadas.

Sentia com isso um vago desânimo, desânimo que me levava a considerar ingênuos os que se entregavam à arquitetura de corpo e alma, como se construísem obras capazes de perdurar. Embora nunca me tivesse desinteressado da profissão, encarava a arquitetura como complemento de coisas mais importantes e mais diretamente ligadas à vida e à felicidade dos homens. Ou, ainda, como costumava dizer, como um exercício que se deve praticar com espírito esportivo — e nada mais. E isso permitia certa negligência — facilitada pelo meu feito displicente e boêmio — e fazia com que aceitasse trabalhos em demasia, executando-os às pressas, confiante na habilidade e na capacidade de improvisação de que me julgava possuidor.

Essa atitude de desatenção, que as contradições sociais ensejam com relação aos objetivos da profissão, levou-me por vezes a descuidar de certos problemas e a adotar uma tendência excessiva para a originalidade, no que era incentivado pelos próprios interessados, desejosos de dar a seus prédios maior repercussão e realce. Isso prejudicou, em alguns casos, a simplicidade das construções e o sentido de lógica e economia que muitos reclamavam.

É verdade que considero minhas tão-somente aquelas obras a que me pude dedicar regularmente, e como tais apreso em publicações e revistas técnicas. Mas, mesmo entre essas obras, encontro algumas que talvez tivesse sido melhor não haver projetado, pelas modificações inevitáveis que teriam de sofrer durante a execução, destinadas que eram à pura especulação imobiliária.

Não pretendo, naturalmente, com estes comentários, iniciar um processo de autodestruição, nem atribuir aos meus trabalhos feição depreciativa. Vejo-os, pelo contrário, como fatores positivos dentro do movimento arquitetural brasileiro, ao qual deram, na ocasião oportuna, por seu *élan* e sentido criador, uma contribuição efetiva que até hoje caracteriza esse movimento. E se refiro esta auto crítica, iniciada há dois anos, quando elaborava o projeto do Museu de Caracas, é por considerá-la processo normal e construtivo capaz de nos conduzir à correção de erros e a melhores resultados, com a adoção de uma série de providências e medidas disciplinadoras. Estas, no meu caso, se assinalam, primeiro, pela redução de trabalhos no escritório e pela recusa sistemática daqueles que visem apenas a interesses comerciais, a fim de melhor me dedicar aos restantes, dando-lhes assistência contínua e adequada; depois, estabelecendo para os novos projetos uma série de normas que buscam a simplificação da forma plástica e o seu equilíbrio com os problemas funcionais e construtivos.

Neste sentido, passaram a me interessar as soluções compactas, simples e geométricas; os problemas de hierarquia e de caráter arquitetônico; as conveniências de unidade e harmonia entre os edifícios e, ainda, que estes não mais se exprimam por seus elementos secundários, mas pela própria estrutura, devidamente integrada na concepção plástica original.

Dentro do mesmo objetivo, passei a evitar as soluções recortadas ou compostas de muitos elementos, difíceis de se conterem numa forma pura e definida; os paramentos inclinados e as formas livres que, desfigurados pela incompreensão e inépcia de alguns, se transformam, muitas vezes, em exibição ridícula de sistemas e tipos diferentes.

E tudo isso procurando não cair num falso purismo, num formulário monótono de tendência industrial, consciente das imensas possibilidades do concreto armado e atento a que essa nova posição não se transforme em barreira intransponível, mas, pelo contrário, enseje livremente idéias e inovações.

Obediência a estes princípios, venho trabalhando desde aquela época. Iniciei a fase — como disse — com o Museu de Caracas, concepção de pureza e concisão irrecusáveis. E agora, prossigo nos prédios de Brasília, aos quais dedico toda atenção, não só por se tratar de obra de grande importância como, também, pelas ocorrências anteriores ao seu desenvolvimento, quando me recusei a aceitar a elaboração do Plano Piloto, pois, juntamente com o Instituto de Arquitetos do Brasil, trabalhava no sentido da organização do concurso público, reservando-me apenas a tarefa de projetar os edifícios governamentais. Incumbência que nada mais era senão a continuação natural dos trabalhos que, desde 1940, vinha realizando, ininterruptamente, para o prefeito, o governador e, finalmente, o presidente Juscelino Kubitschek. [...]

Estas são, hoje, as minhas diretrizes de arquiteto. E se, agora, elas se orientam num sentido de maior pureza e simplicidade, fundam-se todavia no

mesmo conceito de criação — o único capaz de conduzir a uma verdadeira obra de arte.

Estas as diretrizes das obras que projetei para Brasília, obras que acompanho com o maior desvelo, convicto de sua importância e desejo de que se transformem em qualquer coisa de útil e permanente, e capaz de transmitir um pouco de beleza e emoção.

[15] WILANOVÁ ARTIGAS

Revisão crítica de Niemeyer

A revisão autocrítica da sua obra, que o arquiteto Oscar Niemeyer acaba de fazer, teve grande repercussão nos meios artísticos paulistas, em particular entre os arquitetos progressistas.

Trata-se de documento rico de sugestões para a análise da atual etapa do desenvolvimento da arquitetura brasileira. Niemeyer nos comunica confiança no destino da nossa arquitetura e da cultura nacional. Numa demonstração de grande sensibilidade, define com segurança o significado de certos aspectos decorativos que imaginamos que, de certa forma, envolviam nossas expressões arquitetônicas, traçando o rumo certo para evitá-los.

O depoimento de Niemeyer é uma síntese feliz do que se continha no espírito de todos os arquitetos sérios do Brasil e marca também o ponto de partida para uma nova fase do desenvolvimento da arquitetura nacional que, dessa forma, mostra o seu rico conteúdo, capaz de novas e mais elevadas manifestações formais.

A arquitetura brasileira abandona os aspectos de submissão ao imobiliário, que vinha exibindo, para se projetar com pureza no plano da manifestação cultural, única forma de ser compreendida.

Isto, entretanto, não acontece por um golpe de mágica. Por isso lutam todos os arquitetos brasileiros, ainda mantidos num plano de opressão causado pelas restrições impostas pelos meios econômicos, ainda ignorantes do papel que os profissionais devem desempenhar. Não é por outra razão que os arquitetos brasileiros lutam pela sua independência como profissionais: lutam para livrar-se da limitação histórica a que se vêm coagidos, a de serem considerados como uma especialização da engenharia.

Niemeyer, com a sua manifestação autocrítica, funde num mesmo bloco todas as reivindicações culturais, artísticas e profissionais dos arquitetos, enquanto mostra à sociedade o que de grandioso e expressivo o espírito nacional ainda poderá criar de dentro do rico conteúdo da arquitetura brasileira.

[16] MÁRIO PEDROSA

O depoimento de Oscar Niemeyer

Nenhum documento no mundo cultural brasileiro de nossos dias é mais cheio de significação e mesmo mais patético do que o "Depoimento", de Oscar Niemeyer, publicado no número circulante de *Módulo* (e também pelo *Jornal do Brasil*).¹

Trata-se de uma espécie de autocrítica. Difere, porém, do trivial de tais documentos pelo fato de não se encontrar ali um bater de peitos de humildade, mas um claro e corajoso reconhecimento de erros e deficiências conjugado ao reconhecimento do próprio valor. A primeira coisa que nos surpreende é a iniciativa mesma de um tal depoimento, num arquiteto mundialmente consagrado como Oscar Niemeyer. Eis que, de repente, o Oscar esse verdadeiro *playboy* da arquitetura moderna ocidental, pára, em meio aos triunfos, e olha para dentro de si e para a sua obra passada. E o lado até então na penumbra de sua natureza surge, ao calor de uma consciência de artista, desesperado. O Niemeyer displicente e boêmio, jovial, não se sabe se diletante por que cético, ou cético por ser diletante, se revela grave, capaz de entusiasmo e devoção ao trabalho profissional.

Já ele, contudo, havia dado prova de entusiasmo quando, na ingenuidade dos cristãos-novos da política, abraçou, após as esperanças messiânicas desperdadas pelos resultados da Segunda Guerra Mundial, a causa comunista e andou de lanterna na mão, em grupos de camaradas, pela noite adentro, a pichar paredes e a pregar cartazes de um partido idealizado (como se o comunismo de Stálin fosse o comunismo de Lênin e Trotski).

A experiência serviu para fazer desabrochar nele a consciência social, imprescindível a qualquer intelectual e artista de nossa época, mormente arquiteto. Mas, por outro lado, essa consciência lhe encheu de reservas quanto à arquitetura brasileira, por faltar a esta o lastro social, o que, a seu ver, reduzia a situação do arquiteto "apenas a atender aos caprichos das classes abastadas". E Oscar sentiu, então, vago desânimo, e, segundo confessa no "Depoimento", chegou mesmo a considerar "ingênuos os que se entregavam à arquitetura de corpo e alma, como se construissem obras capazes de perdurar". À sua natureza generosa repugnava ver a arte, a profissão, que abraçou por insuperável vocação, rebaixada a servir apenas "como complemento de coisas mais importantes e mais diretamente ligadas à vida e à felicidade dos homens".

Aqui, Niemeyer cometeu o mesmo engano de perspectiva que todos nós cometemos: pensou haver prioridade absoluta para todos os homens e todas as vocações quanto a certas atividades, em detrimento de outras e da sua em particular. "Há coisas mais importantes e mais diretamente ligadas à felicidade dos homens" do que outras: do que, no seu caso, a arquitetura. E, então,